

ontrac

Nº 25, Setembro de 2003

Boletim do Centro Internacional de Pesquisa e Treinamento de ONG

Conteúdo

Ponto de vista

ONGs, Fluxos de informação e Comunicação

Celebrando o 25^{avo} aniversario de **Ontrac**

Comunicação e mudança tecnológica: desafios para as ONGs

Noticias Desenvolvimento Institucional

Práxis: Desenvolvimento de capacidades para o fortalecimento institucional

Relações publicas ou participação:

Lutando contra a pobreza na Roma européia

Fluxos de informação em Ásia Central: Relevante e igualitária?

Cartas ao editor

País em foco

A potencialidade do dialogo: A perspectiva das ONGs Brasileiras sobre a parceria Norte – Sul

Em esta edição

John Hailey analisa barreiras organizacionais para a comunicação no setor das ONGs, Stephen Rand da organização Tearfund, aborda as oportunidades e desafios sobre comunicação que apresentam as novas tecnologias, Guilmira Jamanhova, de CASDIN, explora os fluxos de informação dentro de Ásia Central, e Vicky Brehm chama a atenção para o potencial do dialogo Norte Sul na perspectiva das ONGs Brasileiras.

ponto de vista: ONGs, comunicação e fluxos de informação

Boa comunicação é como um desses conceitos aprendidos quando crianças, tudo mundo concorda que é uma boa coisa, mas raramente dedicamos suficiente tempo a ele. Isso é em parte porque ninguém tem certeza do que “boa comunicação” significa na realidade. Há uma multiplicidade de definições e interpretações sobre boa comunicação: não é apenas sobre o que dissemos, mas também sobre o como o dissemos, a linguagem corporal e a ênfase que damos a diferentes imagens e símbolos. Em outras palavras, é tanto o **médio** quanto a **mensagem** em si mesma. Mas, mais importante é que entende sobre o que esta sendo expresso por quem o recebe (o leitor, quem escuta, a audiência). Boa comunicação, portanto, esta referido ao efetivo intercambio de diferentes mensagens que resultam um determinado nível de significados compartilhados, de compreensões compartilhadas e ainda de entusiasmos compartilhados.

A sobrevivência e credibilidade de muitas ONGs, trabalhando na interface entre indivíduos e comunidades, cruzando culturas, depende na habilidade de se comunicar efetivamente. As ONGs necessitam se comunicar com um extraordinário grupo de atores que variam desde os pobres e excluídos até os ricos e poderosos. Comunicação efetiva é crucial, é uma das capacidades básicas que é parte integral da forma de trabalho. Sistemas e habilidades de comunicação efetivas constituem um **bem organizacional**, um desses bens intangíveis que agregam um valor genuíno e diferencia uma organização de outra. Isto é algo que as ONGs, que operam num setor superpovoado e cada vez mais competitivo, muitas vezes não percebem.

Poucas ONGs tem criado estratégias de comunicação, investido em instrumentos apropriados de comunicação ou treinado seus funcionários para serem comunicadores efetivos. No setor como um todo, predomina uma abordagem *ad hoc* sobre o desenvolvimento das competências de comunicação dos funcionários e voluntários, seja em relação a capacidade para a escritura, internet ou computação, ou para facilitar debates da equipe ou liderar reuniões em tempo e de maneira inclusiva. Porque é que as ONGs, que se apóiam fortemente na sua capacidade de se comunicar, freqüentemente não investem sequer nas mais básicas dessas capacidades?

Isso pode ser em parte explicado pelo custo envolvido em resolver muitas das dificuldades operacionais de comunicação que muitas ONGs enfrentam. Isto inclui o custo do tempo necessário para os funcionários se envolvam ativamente em processos de comunicação, o custo de desenvolver programas apropriados e sistemas de computação adequados, e o custo necessário de treinamento e tradução para resolver as diferenças culturais e lingüísticas que enfrentam as organizações trabalhando em diferentes culturas. Tais problemas são exacerbados pela abundante quantidade de informação que crescentemente domina a vida das ONGs, seja pelo diário fluxo de correios eletrônicos, relatórios de reuniões e grupos de discussão, ou pelo leque de relatórios, contas e auditorias que aparecem a intervalos regulares.

Entretanto, há outras **questões organizacionais mais sistêmicas** que também explicam as dificuldades em resolver e implementar estratégias de comunicação efetivas. Elas incluem animosidades pessoais, tensões interdepartamentais e diferenças internas. Elas podem ser também devido à falta de compromisso dos líderes para promover uma cultura aberta de comunicação ou de aprendizagem compartilhado por temor a que o acesso a informação ameace sua base de poder. Uma outra questão mais contenciosa surge do conjunto de valores compartilhados pelos funcionários da ONG. Isto pode alimentar um certo grau de miopia ou intolerância e pode limitar a capacidade de se engajar em perspectivas alternativas que vão contra os valores dominantes. Como se espera que os funcionários das ONGs trabalhem com organizações que eles sentem representar um conjunto de valores alheios (tais como os militares, a policia ou as iniciativas motivadas pelo lucro e as consultorias), isto esta se tornando um motivo a mais de preocupação. Ainda mais, existe também o impacto do projeto de base, orientado por tarefas, uma **cultura da ação** que é comum a muitas ONGs, uma cultura que da grande valor ao fazer antes que ao refletir, registrar ou compartilhar.

As ONGs enfrentam o desafio de desenvolver estratégias de comunicação que enfrentem não apenas as questões técnicas e operacionais, mas também questões

organizacionais mais profundas que impedem o livre fluxo de informações e idéias. Em particular, isto inclui questões referidas a poder, liderança, agendas pessoais, tensões interdepartamentais, e uma cultura de ONG que frequentemente **confunde participação com comunicação efetiva**. Tais estratégias necessitam combinar as habilidades dos expertos em comunicação com o foco em processos operacionais e as idéias dos especialistas em desenvolvimento organizacional sobre a cultura e política organizacional. Ainda mais, a experiência mostra que o sucesso de qualquer estratégia de comunicação depende do ativo envolvimento e apoio dos líderes para vencer a inércia e intransigência organizacional.

Na celebração da edição N° 25 do boletim **ontrac**, esta edição explora o tema do fluxo de comunicação e informação tanto dentro como entre organizações. Inclui uma curta revisão do papel de **ontrac** como uma ferramenta para a disseminação de informação como parte da estratégia mais ampla de INTRAC e aponta planes para desenvolvimento futuro. Uma contribuição especial do nosso convidado Stephen Rand, de Tearfund, Reino Unido, que analisa sua experiência de comunicação com o publico e chama a atenção para os desafios de usar novas tecnologias efetivamente. Também, Mía Sorgenfrei, introduze o novo programa do INTRAC, o Programa Práxis, que tem como um dos seus objetivos o de fortalecer a capacidade de disseminação e aprendizagem dentro do setor das ONGs. John Beauclerk assinala os desafios e limite das estratégias governamental para as relações publica em relação à população da Roma Européia. A nível setorial, Gulmira Jamanova, de CASDIN, examina os fluxos de informação dentro de Ásia Central, e Vicky Brehm explora o potencial para um maior dialogo entre as ONGs do Norte e do Sul baseada uma pesquisa sobre ONGs Brasileiras. Esperamos seguir analisando estes temas nas futuras edições de **ontrac**

Escrito por John Hailey

Diretor –Programa Praxis, INTRAC. Email: j.hailey@intrac.org

Celebrando a 25^{ava} edição de ontrac

Desde o lançamento da primeira edição de **ontrac** em Maio de 1994, o boletim do INTRAC tem por objetivo promover um espaço de reflexão sobre questões que afetam as ONGs de desenvolvimento a nível internacional. O boletim sempre tem procurado prover aos profissionais do desenvolvimento com análises curtas e acessíveis sobre os debates atuais e tendências, junto com novidades sobre os programas, atividades e pessoas do INTRAC. O formato do boletim há evoluído com o passar do tempo, incorporando o popular “noticias sobre desenvolvimento institucional” desde Dezembro de 1998. Mais recentemente, cada edição tem sido baseada num tema em particular, o artigo guia “ponto de vista” enquadra o debate entanto que os artigos posteriores contribuem para o tema desde um setor, país ou região particular. Cada edição inclui uma contribuição de Ásia Central, onde INTRAC tem desenvolvido uma substancial quantidade de atividades de fortalecimento da sociedade civil desde há vários anos.

Considerável tempo e esforço há sido investido em melhorar **ontrac** nos anos recentes, tanto em termos de sua qualidade e formato como do promoção de sua disseminação.

Nossa lista de assinantes chega a 3.000, mais um sempre crescente numero de pessoas que o recebem por correio eletrônico. A versão de **ontrac** para a página web (www.intrac.org) tem se mostrado particularmente popular. Cada mês o boletim em inglês recebe uma media de 300 hits, mais quase 100 outros nas versões em outras línguas (Francês, Português, Russo e Espanhol). Cópias das edições anteriores estão também disponíveis on-line. A versão em Chinês tem sido lançada recentemente na nossa página web junto com NPO, e há planes de se lançar uma versão piloto em árabe para o fim do ano.

Na celebração dos seus 25 anos, o INTRAC gostaria de agradecer as ONGs que generosamente financiam a publicação e distribuição do Boletim como parte do Programa de Pesquisa de ONGS do INTRAC . Elas são: APSO, CAFOD, Christian Aid, Concern Worldwide, Cordaid, DanChurchAid, MS Dinamarca, Norwegian Church Aid, Novib, Oxfam GB, the International Save the Children Alliance, Save the Children em Noruega, Save the Children Suiza, Save the Children GB e South Research. Representantes de este grupo de ONGs se reúnem com INTRAC dois vezes por ano no Conselho Consultivo do **ontrac** para acordar temas a serem tratados nas edições futuras e para contribuir para o desenvolvimento do boletim..

*Nos gostaríamos de ouvir suas opiniões sobre o **ontrac**, tanto sobre os artigos como sobre os temas que você gostaria de ler. Você pode contatar ao editor, Vicky Brehm, no INTRAC (v.brehm@intrac.org). Se você gostaria de se inscrever para receber o boletim por correio (em Inglês unicamente) ou eletronicamente (em Inglês, Chinês, Português, Francês, Espanhol, Russo, ou em Árabe desde 2004), por favor, pode contatar Natasha Thurlow no INTRAC (n.thurlow@intrac.org).*

Comunicação e mudança tecnológica: desafios para as ONGs

Muito tem mudado, e continua a mudar, a forma como as ONGs se comunicam com o público. Nos anos 60 e 70, Tearfund originalmente produzia tiras de filmes completadas com uma fita de áudio e um script para que o operador soubesse quando devia mudar a estática imagem. Agora, a mesma comunicação é feita em CD-Rom, e os vídeos substituem as tiras de filmes, os que por sua vez estão sendo substituídos pelos DVDs. Mas todas essas mudanças apenas servem para lembrarmos que são as coisas que não mudam as que talvez importam mais. Qualquer que seja a tecnologia, ainda se necessita de uma **audiência**, um gancho para essa audiência, bem como de criatividade, clareza e integridade na mensagem.

Tearfund não é uma organização comum. Nós ainda produzimos uma revista quadrimestral para os nossos apoiadores, uma vez que pesquisas têm nos mostrado que é um instrumento educativo e de arrecadação de recurso efetivo. Essa efetividade se reflete na natureza da audiência: educada, a maior parte dela com mais de 40 anos, de renda média e alta, e doadores regulares a organizações de caridade. Ela é produzida seguindo uma política rigorosa de alto valor em desenho, seu **aspecto visual** é particularmente importante. Nos podemos ter mensagens muito valiosas e importantes, mas se elas não são feitas de forma atrativa o suficiente para serem lidas, então, não valem nada.

Há uma verdadeira tensão aqui. Se colocamos artigos e histórias com boas notícias somente, significa isso mascarar a realidade? A regra é nenhuma manipulação digital de imagens, mas é a mesma coisa a proibição da exploração de imagens sobre a realidade do mundo do desenvolvimento. São as imagens e casos positivos sobre o mundo em desenvolvimento um antídoto vital contra a obsessão da mídia em desastres e corrupção ou simplesmente uma função da arrecadação de recursos de produzir um sentimento bom que proteja os apoiadores da confusa verdade?

A **internet** traz novas oportunidades e desafios. Por exemplo, é muito mais difícil segmentar a audiência. Em que medida os visitantes à página web são potenciais doadores? Eles podem ser jornalistas na busca de uma notícia, um político procurando documentos de política, um estudante escrevendo sobre um projeto na escola, um professor buscando recursos para sua sala de aulas: todos eles podem ser potenciais doadores, mas podem ser afastados se a mensagem é muito forte, ou se a navegação não está desenhada para extrair informação. Ainda mais, a internet não conhece limites nacionais. Há estereótipos perigosos se assumimos que todos os doadores são do Norte e todos os interessados em políticas e práticas sobre desenvolvimento estão no Sul, ou ainda, de que eles são dois grupos distintos. Muitos doadores são de fato profissionais do desenvolvimento, e muitos estão simplesmente interessados na profundidade e detalhe que vai além das palavras usuais nos artigos das revistas.

Um grande número de usuários de internet estão também interessados em reagir às informações e tomar iniciativas. Tearfund tem recentemente introduzido uma campanha de ação política através da sua página web. Os visitantes podem ser alertados sobre o tema e em menos de um minuto eles dispõem de uma carta personalizada para colocar no correio para um membro do parlamento. Isto tem a virtude moderna de ser simples, não consome tempo e é potencialmente muito efetivo, permitindo que as pessoas experimentem envolvimento político significativo que faz uma diferença real.

No entanto, há desafios práticos para o uso da internet. Seu alcance global significa que organismos de seguridade podem instantaneamente buscar através de palavras-chaves e serem alertados sobre as perspectivas e atividades das ONGs operando dentro das suas fronteiras. O uso de palavras pouco cuidadosas na página web pode significar que funcionários sejam deportados. **Segurança** é uma questão muito importante. Esta é uma das razões pelas quais as “extranets” são tão úteis. Para ONGs com redes de comunicação globais e internacionais, a habilidade para ter de informação detalhada e somente para aqueles que dispõem de palavra-chave é muito importante, e oferece uma saída para continuar apoiando e encorajando boas práticas nos funcionários e organizações parceiras, ao tempo que se mantêm uma visão e compreensão corporativa.

Tecnologia digital também tem um papel na sempre crescente demanda por gerenciamento do conhecimento. Apropriadamente classificada e armazenada, lições aprendidas podem ser registradas e acessadas quando necessário, compartilhadas dentro da organização e repassadas para futuros funcionários. Para ser efetivo isto requer não apenas tecnologia eficiente e insumos bem preparados, mas também uma mudança cultural no comportamento corporativo: o melhor material vale nada se ninguém vê.

Estes novos desenvolvimentos criam uma grande pressão nos tempos dos funcionários: checar por coerência política, manter o foco e sendo preciso em relação à verdade e a política da organização. Tudo isso envolve recursos e experiência que pode ameaçar os ganhos em produtividade feitos com a nova tecnologia. Também chama a atenção para a importância do “**gap**” **tecnológico**. A tecnologia digital não ajuda as organizações que operam em lugares onde o fornecimento de eletricidade é errático, as chamadas telefônicas muito caras e o primeiro idioma não é europeu. E é muito fácil gastar em construção de capacidades para os parceiros no Sul sobre **capacidades** tecnológicas antes de que fortalecer sua **efetividade**.

Estas são as mesmas questões colocadas pelo correio eletrônico. Como pode algo tão básico pode fazer a vida tão mais simples e ainda mais complicada e sobrecarregada ao mesmo tempo? O passo da mudança tecnológica cria grandes pressões para mudanças nas práticas e culturas de trabalho para utilizar a tecnologia de forma efetiva. As possibilidades de comunicação internacionais instantâneas e efetivas nunca foram tão grande como agora, como nunca foi tão grande o desafio de assegurar que a comunicação é um serviço e não um escravo que nos dirige.

Escrito por Stephen Rand

Diretor de Campanhas, Tearfund UK <http://www.tearfund.org>

Notícias de fortalecimento institucional

Bem vindo a Notícias de fortalecimento institucional N° 14. Mia Sorgenfrei apresenta o novo Programa do INTRAC, Praxis, que busca fortalecer as capacidades institucionais do próprio INTRAC bem como a de seus parceiros e de outras ONGs.

PRAXIS: Construindo capacidades para o fortalecimento institucional

Praxis é o novo programa de fortalecimento institucional do INTRAC financiado pelo Ministério de Relações Exteriores da Holanda. Ele constitui uma oportunidade extraordinária para desenvolver capacidades para o fortalecimento institucional vinculando experiências práticas com pesquisa e reflexão. O aspecto particularmente inovador do Programa Praxis é a combinação de construção de capacidades externas e internas ao INTRAC, o que vai contribuir para que os seus funcionários aprendam da prática ao mesmo tempo em que a melhoram. Ainda, o Programa procura ajudar aos parceiros do INTRAC e a outras ONGs de apoio a pesquisar e a refletir sobre a sua própria experiência neste tema.

Os três temas do Praxis

Sob o título de **Avaliação de impacto**, Praxis analisara as iniciativas em curso bem como inovações tecnológicas buscando avaliar o impacto dos processos de construção de capacidades nas ONGs. Isto é um tema relativamente pouco explorado que toca numa questão vital para a efetividade e legitimidade das atividades desenvolvimento

organizacional. O tema da **transferência** coloca questões sobre a adaptabilidade das abordagens de construção de capacidades utilizadas em diferentes organizações e culturas, bem como as formas apropriadas de transferir para outros contextos, modelos desenvolvidos com objetivos e para situações específicas. Finalmente, o tema de **Processo e Práticas** brinda uma oportunidade para estudar e refletir sobre como melhorar as práticas existentes e como procurar inovações.

Compartilhar Informações e Disseminação

Praxis contribuirá regularmente com o **ontrac**. Ainda, o Programa tem agora o seu espaço próprio na página web do INTRAC, e deve ir mudando nos próximos meses para incluir comentários e documentos relacionados como os três programas do Práxis. Resultados de pesquisas e experiências práticas de desenvolvimento institucional serão compartilhadas em reuniões temáticas e conferências. Combinando diferentes formas de compartilhar informações esperamos prover um espaço de comunicação à distância, mas também um espaço “cara-a-cara” entre as ONGs de apoio que trabalham sobre fortalecimento institucional. Um elemento essencial da estratégia de disseminação é a Serie Práxis, que inclui livros e documentos referidos aos temas acima descritos. A primeira publicação é uma guia prática de campo para pessoas e organizações buscando implementar monitoramento e avaliação em áreas tais como fortalecimento institucional e lobby (para mais detalhes ver Publicações do INTRAC). Práxis também traduzira materiais para disseminação.

Pesquisa inicial do Praxis: Colocando questões

Praxis esta atualmente desenvolvendo uma pesquisa para identificar áreas focais e colocar questões que vão guiar o posterior trabalho de campo e a coleta de experiências práticas. Nestes primeiros meses temos abordado o tema das ONGs de Apoio e da transferência de conhecimentos.

O fenômeno das ONGs de Apoio

As Organizações de Apoio e outros provedores de apoio especializado na área de desenvolvimento gerencial e organizacional são muito importantes para o Programa Práxis. Portanto, tem sido crucial examinar a atual constelação e tipologia de ONGs de Apoio. A “família” de ONGs de Apoio é cada vez mais diversa: Dentre as ONGs que provêm serviços de fortalecimento institucional temos organizações não lucrativas e consultorias, instituições de pesquisa e centros de recursos, organizações “guarda-chuvas” e redes, bem como fundações, agências de ajuda internacional e empresas privadas. Como uma parte integral do processo de pesquisa, Práxis esta preparando uma nova guia para ONGs de Apoio que deve explorar seus papéis e desafios, e prover uma lista para contatos das ONGs de Apoio em todo o mundo.

Transferência de conhecimento: Uma revisão da literatura

Praxis está realizando atualmente uma revisão da literatura sobre abordagens e perspectivas de transferência de conhecimentos. O tema da transferência tem sido debatida implicitamente, mas raramente, de forma explícita na literatura sobre desenvolvimento e gerenciamento internacional. Essencialmente, a literatura reflete

mudanças de ênfases: elas vão desde atividades que focalizam exclusivamente em diferenças culturais até avaliação, contexto e situação geral na qual o modelo é aplicado. Ainda mais, a idéia de transferir praticas de uma cultura para outra está baseado na hipótese de que existe um consenso universal sobre o que seja uma boa pratica, e isso é motivo de debate. Finalmente, há um crescente debate sobre se as organizações nos países em desenvolvimento podem hoje ser consideradas como “nativas”, ou se são híbridos, resultantes da influência dos vários países ao que estão expostas. Isto tem conseqüências para o fortalecimento institucional e devem ser mais analisados. A pesquisa preparatória sobre transferencia deve pavimentar o caminho para que o futuro trabalho de campo teste as teorias em curso.

Para maiores informações sobre o Programa Praxis, por favor, contactar Mia Sorgenfrei, Assistente de Programa, no INTRAC. Email: m.sorgenfrei@intrac.org

*Fim de Noticias de Fortalecimento Institucional *****

Relações Públicas ou Participação: Lutando contra a pobreza na Roma Européia

O risco é muito grande para a maioria dos cidadãos europeus de origem Roma que farão parte da União Européia a partir de 2004. A incorporação a EU tem dado a esta população marginalizada um destaque incomum à medida que os países candidatos se preparam para enfrentar as últimas provas no processo de incorporação. Para se incorporarem eles devem prover evidencia convincente de que estão tomando as medidas apropriadas para a integração completa e igualitária das minorias Roma. A população Roma e seus apoiadores percebem também que o entusiasmo pela sua causa pode se desvanecer assim que secar a tinta do tratado de incorporação. Os estados membros da União Européia também não são exemplos de políticas e praticas de sucesso.

Para assegurar de que a população Roma não vai afundar na nova e expandida União, o primeiro Conselho Europeu (na Espanha) e também o Banco Mundial, têm apoiado grandes conferências sobre políticas. Estas conferências juntaram os principais envolvidos no debate: os governos dos países incorporados, doadores, representantes Roma, ativistas e pesquisadores para debater o aparente fracasso de uma década de intensos esforços em todo o continente. A pesar de massivos investimentos de fontes públicas e privadas, as condições da maior parte dos Roma, em termos de emprego, moradia, acesso à saúde e educação tem piorado, estando hoje - prestes a ser incorporada – em pior situação do que quando estava sob o regime comunista. Certamente, enfrentados com níveis de vida em franca deterioração, os Roma hoje olham com nostalgia a era dourada do pleno emprego e papeis valorizados na sociedade, tais como o da industria da construção, moradia e reparação de estradas.

O Conselho Europeu espera que os governos comecem **exercícios de relações públicas** para diminuir a generalizada discriminação contra os Roma. Esta discriminação é mais evidente na crescente tendência de isolar a sua população em ghettos e resistir aos esforços para reformar os péssimos serviços públicos em, por exemplo, educação. Mas remover o profundamente enraizado racismo é improvável que aconteça rapidamente, particularmente em nível local. Antes que integrar a

população Roma, muitos estados preferem mantê-los numa condição de abjeta dependência. A idéia de baixa taxa de desemprego e outros benefícios (defendido tanto pelos doadores como pelos beneficiários) têm se convertido numa parodia do velho sistema no qual “você finge pagar e nos fingimos trabalhar”.

Então, o que se pode monitorar e avaliar? O Banco Mundial espera fortalecer a avaliação e identificar experiências positivas, embora esparsas, desta década para subsidiar políticas e programas mais amplos numa nova Década de Inclusão. Fazendo isto, será necessário estar alerta e ter presente à frase “um tamanho que veste todos”: as necessidades dos Roma são diversas e estão vinculadas a seu particular contexto. Outra aprendizagem chave é o errôneo pressuposto dos anos 90 de que as políticas ou leis feitas de forma isolada possam ter algum efeito, ou de que governos vão poder implementar estratégias nacionais neste contencioso tema.

Por sua vez, o Conselho Europeu reconhece que a **participação e empoderamento** dos Roma são ingredientes chaves em qualquer estratégia. Iniciativas planejadas, implementadas e avaliadas pelos Roma necessitam dar lugar a uma nova geração de programas nos quais as necessidades estratégicas dos Roma sejam o tema central e nas quais os Roma mesmos sejam atores chave. Tais programas serão reconhecíveis por um número de condições, incluindo a obrigatória consulta – no mínimo – daqueles que estão aí para ganhar ou perder nesta intervenção: monitoramento freqüente e focado nas percepções dos beneficiários e com indicadores elaborados com eles, e avaliações que envolvam profissionais Roma e focalizem tanto em impacto quanto em resultados.

Estratégias de comunicação e relações públicas podem não fazer dano, mas em última análise é a ativa participação das comunidades empoderadas que vai reverter à exclusão dos Roma na Europa. Isto chama para uma nova geração de programas e abordagens, bem como sólidas medidas para monitorar e avaliar as mudanças – se é que alguma coisa muda.

Escrito por John Beauclerk, INTRAC

Email: j.beauclerk@intrac.org

Referências

Roma Policies in Europe. Conferência em Granada, 19 a 20 Maio de 2003.

Roma in an Expanding Europe: Challenges for the Future. World Bank, Open Society, European Commission. Conferência em Budapeste, 30 de Junho a 1º de Julho de 2003.

Fluxos de Informação na Ásia Central: Pertinente e Igualitário?

Este artigo analisa as necessidades de mudanças em sistemas de informação nas Organizações da Sociedade Civil na Ásia Central e destaca os desafios a enfrentar para implementar estas mudanças, baseado na experiência da Rede de Informação Sustentável em Desenvolvimento da Ásia Central (CASDIN). Dentro da maré de fluxos de informação externa dentro da região, para organizações como CASDIN, a

questão da transferência de conhecimento e relevância de materiais externos para as variadas áreas da região é crítica. Está também se tornando chave assegurar que as OSCs na Ásia Central fortaleçam a sua própria voz em relação a debates regionais e internacionais.

As **necessidades de informação** das OSCs na Ásia Central estão se desenvolvendo e diversificando rapidamente. Primeiro, há um crescente apetite por informação neste setor que também está em rápido crescimento. Segundo, as organizações estão mais abertas a compartilhar experiências e também a expandir o impacto do seu trabalho. Algumas necessidades são muito especializadas, tais como aquelas das ONGs ambientais ou de mulheres, que são fundamentais na região. No boletim *Desenvolvimento Sustentável* do CASDIN, tentamos misturar materiais para assegurar uma cobertura regular de questões sociais fundamentais. A pedido de ONGs mais novas, nos temos desenvolvido uma coluna na qual destacamos os eventos do calendário e damos os contatos de programas de financiamento e seminários. Entretanto, gostaríamos de nos desenvolver ao mesmo tempo que o setor se desenvolve, publicando artigos mais **analíticos** sobre tópicos tais como participação e gênero, bem como atender as necessidades da audiência mais ampla que recebe o nosso boletim, tais como os funcionários do governo local e universidades.

A questão da língua é um importante e contencioso tema nos novos países independentes da Ásia Central. No sul do Cazaquistão, as pessoas preferem informação na língua local (Cazaq). Se CASDIN fosse responder a esta preferência nos terminariamos produzindo dois boletins diferentes. Um em Cazaq destinado para o público predominantemente rural do Sul e uma outra edição em Russo para atender a população urbana e da parte norte do país. Nos temos escolhido não seguir esse caminho, mas manter uma abordagem regional para informação e disseminação utilizando o Russo como a principal língua. Procuramos selecionar materiais que sejam de interesse para os leitores de toda a região da Ásia Central, por exemplo, projetos regionais de grande porte que enfrentam problemas chaves como a falta de água ou direitos humanos.

Adaptar informação para a cultura e língua locais é outra questão. Por exemplo, o termo “desenvolvimento sustentável” é o título do Boletim do CASIN, mas em 1995, quando nos lançamos o boletim, este termo era muito pouco conhecido. O termo “Sociedade Civil” é facilmente entendido, mas, noções mais complicadas como “empoderamento” precisam de uma explanação com referência a experiências de organizações locais. Nos temos que analisar se esses termos ou se a experiência que os sustenta são aplicáveis e relevantes na região.

Informação sobre agencias internacionais continua a jogar um papel de importância na Sociedade Civil, traduzida para o Russo numa grande variedade publicações de ONGs locais. Com frequência surgem questões como a seguinte: “Podemos apenas traduzir materiais em Inglês para o Russo ou devemos adapta-lo primeiro?” Nos só podemos responder a esta questão definindo primeiro qual é o nosso objetivo, para quem é a informação e em que formato pode ser melhor apresentado. Resumir textos pode ser útil para uma ONG recém estabelecida. Entretanto, num nível mais avançado, ler e reler os originais sem adaptação brinda a oportunidade de desenvolver um pensamento próprio.

As ONGs da Ásia Central estão interessadas em informação dos países do Ocidente e da Europa do Leste e esta é uma das fontes de acesso ao nível internacional. Entretanto, é bastante difícil encontrar informação relevante ou identificar as questões principais devido ao grande volume de informação. Desafortunadamente, a grande maioria das ONGs tem limitado – ou nenhum - acesso a internet.

Uma questão cada vez mais importante está relacionada com os fluxos de informação desde a Ásia Central. Como as ONGs da Ásia Central podem dar um “feedback” às agências internacionais? Em que forma elas podem participar de debates regionais e globais? O boletim do CASDIN é enviado para os Estado Unidos, Europa Oriental e Ocidental e a antiga União Soviética, tanto para OSCs como para os conselhos editoriais de jornais. ONGs internacionais tais como INTRAC jogam um papel importante ajudando a participação de ONGs da Ásia Central nos debates intergovernamentais e globais, promovendo o nosso interesse e levando nossa voz para o público internacional.

Nos últimos dez anos, um grande número de organizações ocidentais tem desenvolvido pesquisas detalhadas na antigamente “fechadas” sociedades de Europa de Leste e da Antiga União Soviética. Muitos desses relatórios nunca foram propriamente compartilhados com as pessoas que deram a informação. Por exemplo, CASDIN contribuiu com entrevistas e informações para um estudo de grande porte sobre a Sociedade Civil na Ásia Central, mas nunca tivemos a chance de comentar o texto. Por tanto, nos apreciamos a abordagem do INTRAC à pesquisa sobre a Sociedade Civil na Ásia Central onde o relatório preliminar com os primeiros resultados foram apresentados em um fórum de NGOs para debate e comentários. Os resultados da pesquisa podem ser uma grande contribuição para o fortalecimento institucional. Fornecer **resultados de pesquisa de forma acessível** se apresenta como uma grande contribuição para construir capacidades e para compartilhar análises e conhecimento.

Escrito por Gulmira Jamanova, Diretora Executiva de CASDIN

(Central Asian Sustainable Development Information Network)

Escrito a partir de uma entrevista gravada por Natasha Laptieva (INTRAC Assistente de Programa, Cazaquistão).

CASIN é um dos primeiros parceiros do INTRAC na Ásia Central. O boletim bimensal do CASIN, “Desenvolvimento Sustentável” é publicado em Russo e é acessível em formato eletrônico e através da internet (www.casdin.freenet.kz). Para maiores informações, favor contatar Gulmira Jamanova, (casdin@nursat.kz).

cartas ao editor

Querido **ontrac**

Obrigado pelo artigo sobre Desenvolvimento de ONGs em Tajikistão (**ontrac** N° 24, “ONGs como parte da Sociedade Civil na Ásia Central”, Maio de 2003). Apreciei suas considerações sobre “o cinismo que muitas vezes fazem parte das relações entre ONGs

e doadores e que parece não estar presente no Tajikistão”. Comparada com outras Repúblicas da Ásia Central, o Tajikistão tem possibilidades únicas para desenvolver abordagens diferentes. Fatores importantes são, de um lado, nossas diferenças históricas e culturais (estar rodeados por povos que falam outras línguas), de outro lado, compartilhar uma historia comum com outros povos da região.

Nargis Nurullokhoja

Oficial de Programa, Oxfam GB no Tajikistão

Querido **ontrac**,

O último número de **ontrac** (**ontrac** Nº24, “ONGs como parte da Sociedade Civil na Ásia Central”, Maio de 2003) foi muito informativo, engajado e interessante. Lê-lo me fez sentir bem, pela perspectiva realista e positiva sobre a imensa tarefa de construir uma sociedade civil em circunstâncias tão incertas, colocando-o de forma suave. O conteúdo esta bem representado na sua abordagem temática e geográfica e provê um fórum para os funcionários de campo serem conhecidos e escutados.

Dr. Najam Abbas

Central Asian Studies Unit, The Institute of Ismaili Studies, London

Os leitores de ontrac são bem-vindos com suas contribuições e comentários nos temas debatidos pelo **ontrac**. INTRAC se reserva o direito de editar as cartas. As contribuições podem ser enviadas para:

The Editor, ontrac

INTRAC, P.O.Box 563, Oxford OX2 6RZ, UK

Email: v.brehm@intrac.org

país em foco: A potencialidade do dialogo: A perspectiva das ONGs Brasileiras sobre a parceria Norte – Sul

Num recente workshop no Brasil, ONGs Brasileiras manifestaram-se sobre o potencial do dialogo entre ONGs do Norte e do Sul como sendo um dos grandes temas todavia não explorados pelo desenvolvimento internacional. Um tema em comum que emerge entre o pessoal brasileiro que esteve no workshop foi a percepção (resultado de intercâmbios e de diálogos aprofundados) de que as ONGs do Norte ainda operam como doadores e a dimensão da chamada parceria permanece diluída. Ainda quando há uma boa e longa relação com as ONGs do Norte, o processo de **comunicação** continua a se centrar no projeto ou programa **financiado** antes que em questões mais substanciais como o **dialogo sobre políticas**.

Dada a natureza dinâmica e vibrante da Sociedade Civil Brasileira, os funcionários das ONGs brasileiras sentem que eles têm um considerável nível de experiência com o qual podem contribuir para o debate sobre desenvolvimento em nível internacional. Entretanto, suas vozes não são ouvidas. As ONGs do Norte com frequência chegam com a idéia pre-definida sobre o que elas podem contribuir, e não levam em consideração a perspectiva das ONGs Brasileiras, as quais têm muitas experiências que

podem também serem relevantes para as questões de desenvolvimento no Norte. Por exemplo, profissionais que têm sido convidado para visitas de intercambio a Europa sentem que a sua própria experiência não foi valorizada. Com seu foco em financiar projetos no Sul, as ONGs do Norte podem não estar percebendo o potencial uso da experiência de seus parceiros em seus contextos de origem e em outros países onde elas trabalham.

A tendência que o fluxo de informação Norte-Sul se perca dentro da agenda do Norte e dentro da relação de financiamento já tem sido bem documentado (ver, por exemplo, Mawdsley *et al.* 2002). O setor das ONGs no Brasil, de certa forma, já superou o modelo doador-recipientes dentro do qual foi construída a relação com as ONGs do Norte. Muitas das grandes ONGs Brasileiras de desenvolvimento foram fundadas com apoio solidário muito forte por parte das ONGs européias em tempos particularmente restritivos imposto pela ditadura militar. Assim, nos primeiros anos, elas foram fortemente dependentes das ONGs européias por financiamento; na medida que a economia brasileira e o contexto político foi se dinamizando, as ONGs estão bem melhor posicionadas para diversificar suas base de financiamento e incluir fontes locais de renda. Apesar de que claramente há casos diferentes, a dependência financeira das ONGs do Norte tem diminuído efetivamente.

Todavia, a relação das ONGs Brasileiras com as suas parceiras do Norte não tem acompanhado a crescente autonomia do setor. O pessoal das ONGs brasileiras percebem a possibilidade real de uma maior **igualdade** nessa parceria agora, mas esse potencial ainda tem que ser realizado. Ainda mais, justo quando o setor das ONGs está “amadurecendo” muitas ONGs do Norte estão se retirando do Brasil para priorizar outras regiões mais pobres. Alguns dos participantes do workshop sentiram isto refletido numa contradição que fragiliza a parceria: no momento em que há espaço para uma maior igualdade na relação com as ONGs do Norte, elas estão se retirando do país, sugerindo, desta forma, que elas preferem, na verdade, relações de parcerias com dependência e com base no financiamento.

Há, entretanto, alguns sinais de mudança, por exemplo, em relação a **parcerias “multilaterais”**. Se por um lado as ONGs brasileiras têm visto seus espaços para o dialogo diminuídos nos fóruns internacionais, como no sistema das Nações Unidas. De forma similar, há hoje maiores oportunidades para o dialogo sobre políticas em várias redes temáticas que emergem a nível nacional e internacional, em temas como dívida externa e questões ambientais. Isto apresenta novas oportunidades para atores do Norte e do Sul trabalharem juntos.

Escrito por Vicky Brehm, INTRAC

Email: v.brehm@intrac.org

Referências

Mawdsley, E., Townsend, J., Porter, G. and Oakley, P. (2002) *Knowledge, Power and Development Agendas: NGOs North and South*. Oxford: INTRAC.

ontrac

ISSN 1476-1327

Editora: Vicky Brehm, Pesquisadora, INTRAC

Desenho: Sophie Johnson, Colophon

Impressão: Litho and Digital Impressions Ltd., Oxford

ONTRAC é um boletim informativo do INTRAC - Centro Internacional de Pesquisa e Treinamento de ONGs -. Ele é publicado três vezes por ano. Seu conteúdo pode ser reproduzido e traduzido livremente desde que a fonte seja mencionada. O INTRAC agradece as seguintes organizações pelas suas contribuições à produção do **ontrac**: APSO, CAFOD, Christian Aid, Concern Worldwide, Cordaid, DanChurchAid, MS Denmark, Norwegian Church Aid, Novib, Oxfam GB, International Save the Children Alliance, Save the Children Norway, Save the Children Sweden, Save the Children UK e South Research..

INTRAC Tel.: +44 (0) 1865 201 851

PO Boxe 563 Fax: +44 (0) 1865 201 852

Oxford OX2 6RZ Endereço eletrônico: info@intrac.org

Reino Unido Website: <http://www.intrac.org>

INTRAC é uma companhia limitada, registrada sob o No. 2663796, e uma organização sem fins lucrativos registrada sob o No. 1016676.